

FOLHA DE S. PAULO

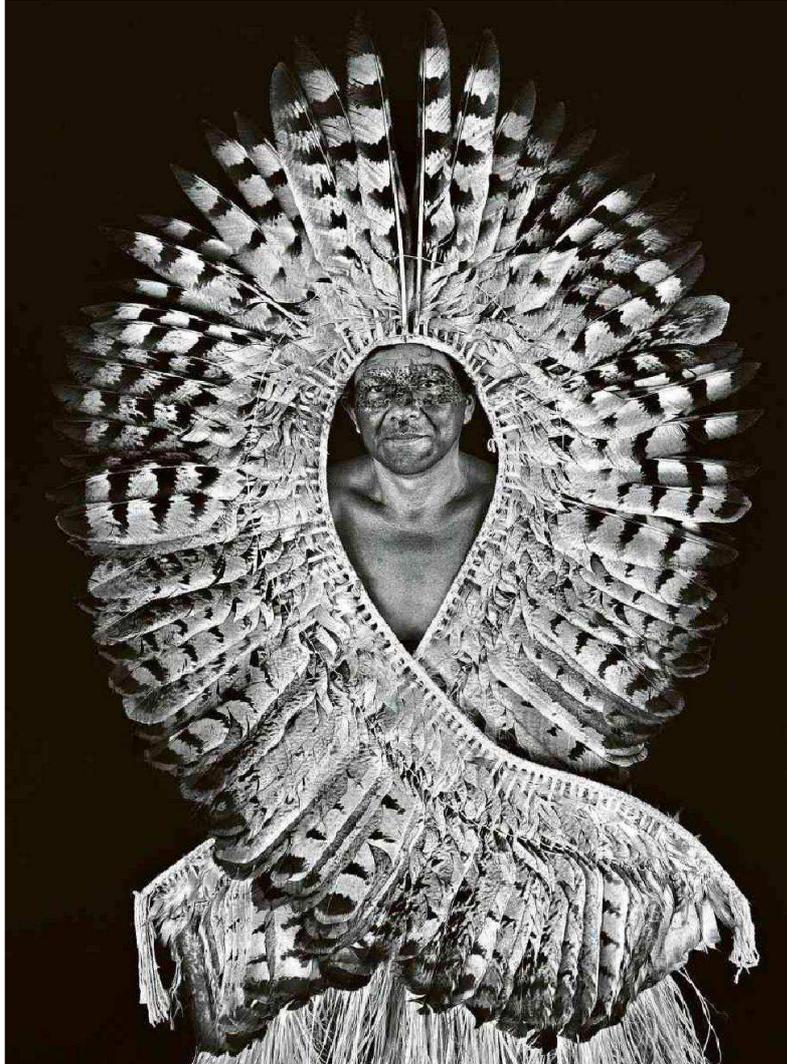
DESDE 1921 ★★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

ANO 98 ★ Nº 32.764

DOMINGO, 16 DE DEZEMBRO DE 2018

EDIÇÃO SÃO PAULO ★ CONCLUÍDA ÀS 23H16 ★ R\$ 6,00

CENÁRIOS 2019 Como as mudanças políticas irão impactar a economia, a cultura e o cotidiano dos brasileiros no ano que vem sãopaulo
QUEM BOMBOU ANITTA, MBAPPÉ, ELIZABETH MOSS | **QUEM CAUSOU** MOURÃO, CAMINHONEIROS, SALÁRIOS DOS JUÍZES, WHATSAPP



Cacique Biraci Yawanawá usa cocar de penas de gavião-real, em foto exclusiva para a Folha. Sebastião Salgado

SEBASTIÃO SALGADO NA AMAZÔNIA

Comunidade **yawanawá** vive renascimento cultural após ter sido perseguida e dizimada nos anos 1970; veja o quarto especial sobre o projeto de documentação da floresta e de seus habitantes

China aposta em nova fórmula para enfrentar paradoxos

Quatro décadas após iniciar reformas, a China ainda encara paradoxos, relata o enviado Jaime Spitzcovsky. Para ampliar o crescimento e manter controle sobre a população, o regime aposta no uso de gigantes bancos de dados e na criação de "super-regiões capitalistas". **Mundo A14**

EDITORIAIS A2

O lado da receita
Sobre propostas de aumento da carga tributária.

Escola com evidência
Acerca de projeto equivocado contra doutrinação.

ISSN 1414-5713 32.764
9 771414 572018

Aéreas têm declínio no número de passageiros

Nível de transporte doméstico nas principais empresas é semelhante ao de 2011, aponta levantamento da Folha

O número de passageiros nas empresas de aviação que operam voos domésticos no país desabou desde 2014, para patamares de 2011, mostra tabulação da Anac (Agência Nacional de Aviação Civil).

De 2015 a 2016, a queda no número de pessoas que pagaram pelos bilhetes chegou a 17%. O levantamento inclui dados de Azul, Gol, Latam e Avianca Brasil, que entrou em recuperação judicial nesta quinta (13).

No mesmo dia, o governo liberou, via medida provisória, participação de 100% de capital externo nas companhias aéreas brasileiras.

Nos primeiros oito meses deste ano, ainda houve queda no número de passageiros pagantes, em relação ao mesmo período de 2017. O ritmo da retração, porém, diminuiu de 6% para 2%.

Segundo a Abear, associação das grandes aéreas, o número total de passageiros domésticos recuou para o nível de 2013. Apesar de alta nesse indicador de janeiro a outubro deste ano, os custos maiores e o risco regulatório afetam o mercado doméstico. **Mercado A19**

Aeroporto de Cumbica sofre com atrasos e voos cancelados **Mercado A20**

Êxito de agenda liberal determinará poder real de Paulo Guedes **Mercado A22**

Delatores dizem que propina da OAS era de R\$ 200 mi anuais

O grupo OAS repassava cerca de R\$ 200 milhões em propina anualmente até se tornar alvo da Lava Jato, em 2014, afirmam ex-funcionários da empreiteira. Eles operavam a controladoria, departamento responsável pelo caixa dois e pela distribuição de dinheiro ilegal. **Poder A4**

MERCADO ABERTO Nome sem lobby levou ministério, afirma Mourão

O futuro ministro de Minas e Energia, Bento Costa Lima Leite, foi escolhido por ser alternativa a nomes indicados por setores de óleo e gás e de energia elétrica, segundo o general Hamilton Mourão (PRTB), vice eleito. **Mercado A20**

CHEGOU O SUV DOS SUVs.

TIGGO 5X
MOTOR 1.5 TURBO FLEX
HIGH PERFORMANCE
CÂMBIO AUTOMÁTICO DUAL-CLUTCH
A MAIS AVANÇADA TECNOLOGIA EM TRANSMISSÃO AUTOMÁTICA

5 ANOS GARANTIA

CADA CHERY
QUALIDADE, TECNOLOGIA E DESIGN

VEJA NA PÁGINA 5.

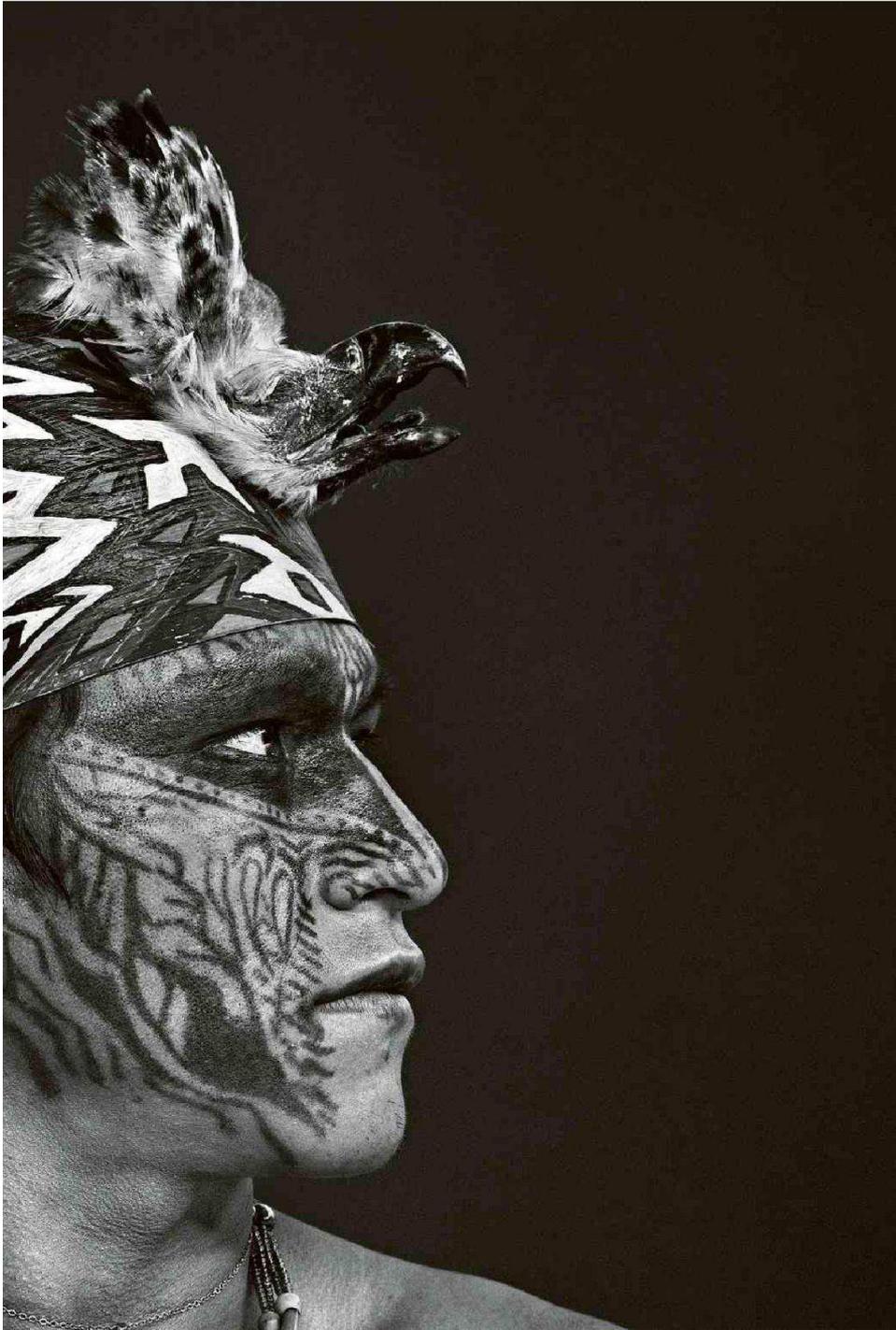
Ilustríssima p. 4
Como o guru do novo presidente conquistou alunos, seguidores e poder

Promotora considera João de Deus foragido

O médium João Teixeira de Faria, 76, conhecido como João de Deus, passou a ser considerado foragido desde as 14h deste sábado (15) pela força-tarefa que investiga a suspeita de ele ter abusado sexualmente de mulheres que atendeu. João de Deus deve ser incluído na lista da Interpol. **cotidiano B5**

AUDIÊNCIA/MÉS
PÁGINAS VISTAS 231.506.740
VISITANTES ÚNICOS 35.681.468

SEBASTIÃO SALGADO NA AMAZÔNIA



O índio yawanawá Miró, também conhecido como Viná, e seu adereço de cabeça adornado com bico de gavião-real

O povo ressuscitou, cresceu e ganhou a aldeia global

Um olho na tradição da floresta, outro conectado ao mundo, a comunidade yawanawá vive seu renascimento cultural e é referência em empreendedorismo — após ter sido dizimada e perseguida nos anos 1970

Leão Serva

TARAUACÁ (AC) Na contramão do que se costuma ouvir sobre índios brasileiros, os yawanawás, habitantes da Terra Indígena Rio Gregório, no Acre, são hoje um exemplo de exuberância cultural e populacional.

Reduzidos a 120 indivíduos no auge da ditadura militar, no início da década de 1970, esquecidos de suas tradições e sofrendo com um altíssimo índice de alcoolismo e uma grave desagregação social, eles estavam virtualmente extintos.

Agora, meio século após a quase extinção, os yawanawás já estão reacostumados aos seus mais antigos rituais, falam a língua ancestral e, além disso, se conectam ao mundo contemporâneo usando smartphones e computadores por meio de uma antena de wi-fi instalada na aldeia.

A população atual, de cerca de 1.200 pessoas, é dez vezes a registrada nos anos 1970.

Um dos maiores sinais de sua degradação cultural era o desaparecimento da língua. Eles eram pressionados a não usá-la diante de não índios, principalmente por dois agentes externos que controlavam de forma férrea a região em que moram. Em primeiro lugar, os donos dos seringaais, que dominaram as florestas do Acre desde o final do século 19. Eles empregavam os indígenas em condições de escravidão e não queriam que a língua pudesse revelar a existência de índios capazes de reivindicar a propriedade da terra.

Em segundo lugar, a missão evangélica que havia imposto ali o culto cristão e cujos religiosos atacavam os ritos indígenas tradicionais e os classificavam como demoníacos.

“Nossa língua foi proibida, só os velhos a conheciam, as crianças só aprendiam o português. Nossas crenças e tradições eram consideradas diabólicas pelos missionários, e muitos de nós acreditávamos nisso. Passamos a viver como escravos no trabalho e na cultura”, conta o cacique Biraci Yawanawá, o Bira, de 54 anos.

A guinada começou nos anos 1980. O cacique explica que no início dos anos 1990, quando vivia em Rio Branco, a capital do estado, foi chamado pelos líderes mais velhos para assumir a liderança do grupo.

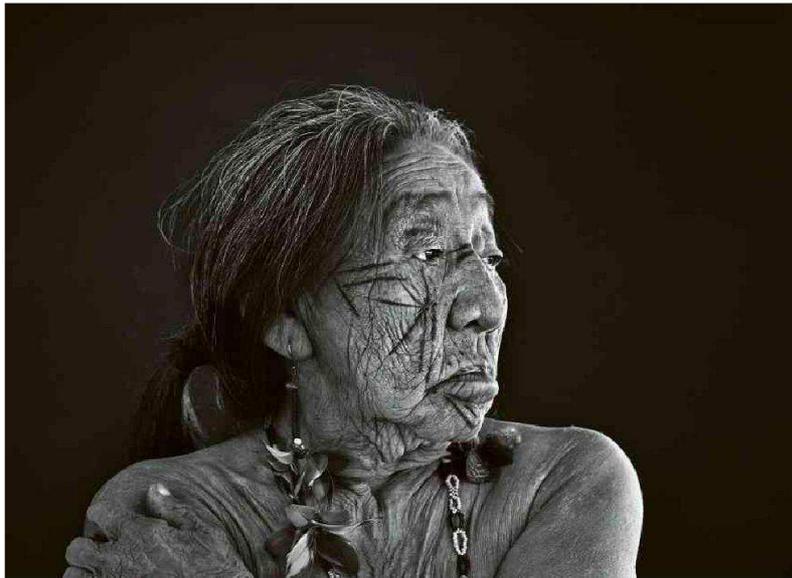
Para voltar à aldeia e liderar a comunidade, Bira impôs condições que, aceitas, resultaram numa espécie de revolução cultural.

Ele expulsou a missão religiosa dali, restabeleceu o ensino da língua tradicional e passou a incentivar o estudo dos antigos mitos e histórias pelo grupo, como forma de religar as novas gerações aos conhecimentos e memórias dos ancestrais.

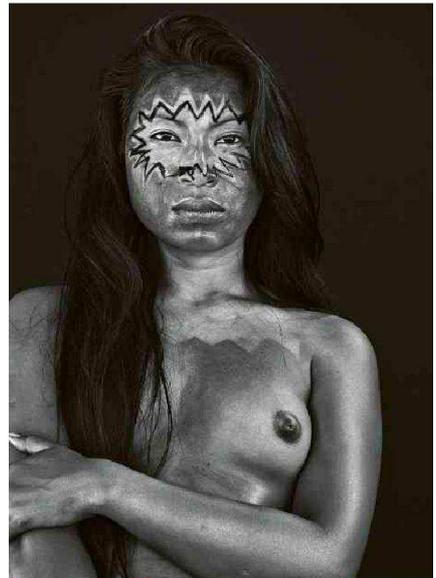
As mudanças incluíram o local da aldeia: para melhor controlar o acesso à reserva, demarcada em 1987, Bira comandou o deslocamento da comunidade principal para uma colina às margens do Gregório, de onde se pode ver quem sobe ou desce o rio. Nascia a Nova Esperança.

Após mais de um quarto de século, os yawanawás são referência da força cultural que índios, quando controlam suas terras, podem conquistar ao combinar cultura tradicional e empreendedorismo.

Sebastião Salgado na Amazônia



Vovó Alzira, da aldeia Mutum



Kanamashi, filha de Toata, da aldeia Amparo

Com terra demarcada, vento passa a soprar a favor da comunidade

No início dos anos 1970, quando a ditadura militar pregava a ocupação da Amazônia sob o slogan "Uma terra sem gente para gente sem terra", os **yawanawás**, gente que habitava aquela terra, estavam quase extintos.

Eles mal resistiram a cerca de um século do ciclo da borracha, que resultou no domínio de seu território por seringais e fazendas, na submissão ao trabalho escravo e em uma epidemia de consumo de álcool.

Apenas os mais velhos falavam o idioma **yawanawá**. A língua só era usada em ambiente doméstico.

Conforme a memória dos índios, o contato com os brancos ocorreu no auge do ciclo da borracha, entre o final do século 19 e o início do 20. O líder indígena à época era Antônio Luís, morador de uma comunidade que ficava onde hoje o cacique Bira quer implantar uma outra, que se chamará Aldeia Sagrada.

Segundo Bira, os donos do seringal **Kashinawá** decidiram instalar sua sede no rio Gregório, na margem oposta à da aldeia de Antônio Luís. A empresa ficou ali até a demarcação da terra indígena, nos anos 1980.

O destino passou a soprar a favor dos **yawanawás** desde que suas terras foram reconhecidas, em 1982, e os seringalistas foram desapropriados pelo governo federal.

O atual momento positivo não é apenas um dado de sorte: os índios tiveram uma visão de futuro, se prepararam para ser globais.

Grande parte desse movimento é atribuída à liderança de Raimundo Tuinkuru (1929-2010), filho de Antônio Luís, que conduziu os **yawanawás** durante a ditadura militar e o processo de recuperação cultural, a partir dos anos 1980.

Sogro do cacique Bira, pai das pajés **Hushahu** e **Putani** (mulher de Bira) e do líder Joaquim **Tashka**, Tuinkuru foi o responsável por enviar jovens à capital do Acre e ao exterior para que aprendessem a lidar com a cultura contemporânea.

Em 1982, Bira ci foi morar em Rio Branco, de onde voltou dez anos depois como líder da Nova Esperança. Mais tarde, Joaquim foi estudar por cinco anos em Santa Bárbara, na Califórnia, Estados Unidos. Ao retornar, ele assumiu a liderança da aldeia **Mutum**.

Biraci conta que ao voltar da capital, em 1992, 99% de seus familiares eram protestantes. "As famílias não falavam mais nossa língua, os pastores tratavam nossos ritos tradicionais como diabólicos. Em um momento, com 18 anos, chamei os pastores da missão e disse: 'Você tem 24 horas para sair daqui'".

Ele exigiu também que todas as biblias cristãs fossem queimadas e proibiu álcool nas aldeias. Depois, foram implantadas escolas com aulas na língua **yawanawá** para as crianças da comunidade.

"Chegamos ao fundo do poço em 1982. Comparado àquele momento, vivemos um renascimento cultural e espiritual", diz Joaquim **Tashka**, líder da aldeia **Mutum**. "A população cresceu e 50% das pessoas falam a língua, o que é um salto grande. Hoje nos relacionamos com o mundo, sempre de olho em nossa tradição." A partir de um primeiro festival, em 1982, os índios passaram a promover grandes encontros para a celebração de sua cultura, que retinem hoje centenas de turistas. Além do prestígio, esse turismo cultural representa sólida fonte de receitas.

Em 2001, os líderes da comunidade fizeram um plano estratégico para as décadas seguintes.

"Foi uma grande reflexão sobre o que seria o nosso futuro, neste momento, 18 anos depois, vemos que realizamos 80% do que sonhamos. Agora, estamos organizando o Plano de Vida **yawanawá**, que vai projetar o futuro: como vamos fazer

bom uso de nosso território? Como vamos usar as novas economias para não destruir o patrimônio? Nosso desafio agora é pensar como queremos avançar ainda mais para o futuro."

Os planos incluem a criação de uma Universidade dos Saberes Tradicionais **yawanawá**, com projeto do designer paulista Marcelo Rosenbaum, apaixonado pela cultura local, a ser desenvolvido na área da antiga comunidade Aldeia Sagrada.

Yawanawá significa povo da queixada, alusão ao temido porco selvagem

Olhando o mapa da Amazônia, se o observador traçar uma reta entre o rio **Guaporé**, no sul de Rondônia, e Tabatinga, no estado do Amazonas —onde o rio Solimões a dentro o território brasileiro, na triplice fronteira com a Colômbia e o Peru, no extremo oeste—, vai encontrar ao longo dessa linha diagonal de quase 1.500 quilômetros uma grande lista de povos de um mesmo tronco linguístico, chamado pano.

O tronco pano é comum em áreas do Amazonas, do Acre e de Rondônia —e também no Peru e na Bolívia. Segundo os arqueólogos, data de quase dois milhões desde que os primeiros índios desse grupo migraram do rio **Guaporé**, em Rondônia, para o norte, chegando até os Andes

e as margens do Solimões.

Como seus vizinhos **ashaninkas**, povos de língua pano devem ter mantido intercâmbio intenso com o império inca, o que explica referências, nas histórias dos **yawanawás**, a heróis denominados **Tnka** e a um tempo longínquo "em que viviam sob domínio do **Inka**". Tais referências aparecem nas memórias de outras etnias de seu tronco linguístico, como a **kashinawá** e a **marubo**.

Esse corredor do tronco pano teve origem, provavelmente, no lugar em que hoje está o estado de Rondônia, de onde um ou alguns povos de língua similar começaram a migrar em direção ao norte, há pouco menos de 2.000 anos.

Eles se espalharam em torno dos rios **Javari**, **Juruá** e **Purus**, sendo que alguns grupos entraram na região do **Ucayali**, no Peru, até as encostas dos Andes, como explica Philippe Erikson em "História dos Índios no Brasil" (1998).

Estudos arqueológicos mostram que esses índios foram os senhores dessa vasta planície tímida até em torno do século 9 d.C., quando um ou mais grupos de língua **arawak** (como os **ashaninkas**), vindos do norte e do oeste, conquistaram territórios entre o grupo **pano**, separando uns dos outros.

É provável que, quando foi rompida a unidade dos povos, se tenha iniciado a formação de dialetos e o desenvolvimento de línguas diferentes. Mesmo assim, há uma homogeneidade linguística.

Na língua pano, há duas palavras para "povo" ou "gente": **nawá** e **bo**. Por isso, as diversas etnias são geralmente conhecidas por esses dois sufixos em seus nomes: **yawanawá**, **yaminawá** e **kashinawá**, por exemplo, ou **marubo**, **korubo**, **shipibo**, **conibo**.

Há até um mesmo nome, com terminação diferente, para dois grupos que moram em áreas distantes, os brasileiros **kashinawás**, do Acre, e os **cashibos**, do Peru.

Os nomes pelos quais são conhecidos os povos do grupo pano são em geral aqueles que outros grupos lhes deram, frequentemente pejorativos.

É comum os índios não gostarem dos termos pelos quais são oficialmente conhecidos. "**Kaxi**", por exem-

plo, quer dizer "vampiro". Os **kaxinawás** ("povo do vampiro"), recentemente, adotaram outro nome oficial: **huni-kutin**, que quer dizer "homens verdadeiros", expressão usada por muitos povos do tronco pano para autodefinição.

Yawanawá quer dizer "povo da queixada", referência ao porco selvagem. Diferentemente de outros grupos, esses indígenas têm orgulho dessa designação: a queixada é um dos animais mais temidos da floresta por andar em bandos coesos e assim vencer seus predadores.

Segundo a enciclopédia digital "Povos Indígenas no Brasil", do Instituto Socioambiental, os grupos pano designados como **nawás** formam um subgrupo dessa família por terem línguas e culturas muito próximas e por terem sido vizinhos durante um longo tempo.

Quem anda pela rua na cidade acriana de Cruzeiro do Sul, referência urbana para muitos índios do Acre e do oeste do estado do Amazonas, testemunha com facilidade conversas fluentes entre **kashinawás** e **marubos** ou, com alguma dificuldade, com **yawanawás**.

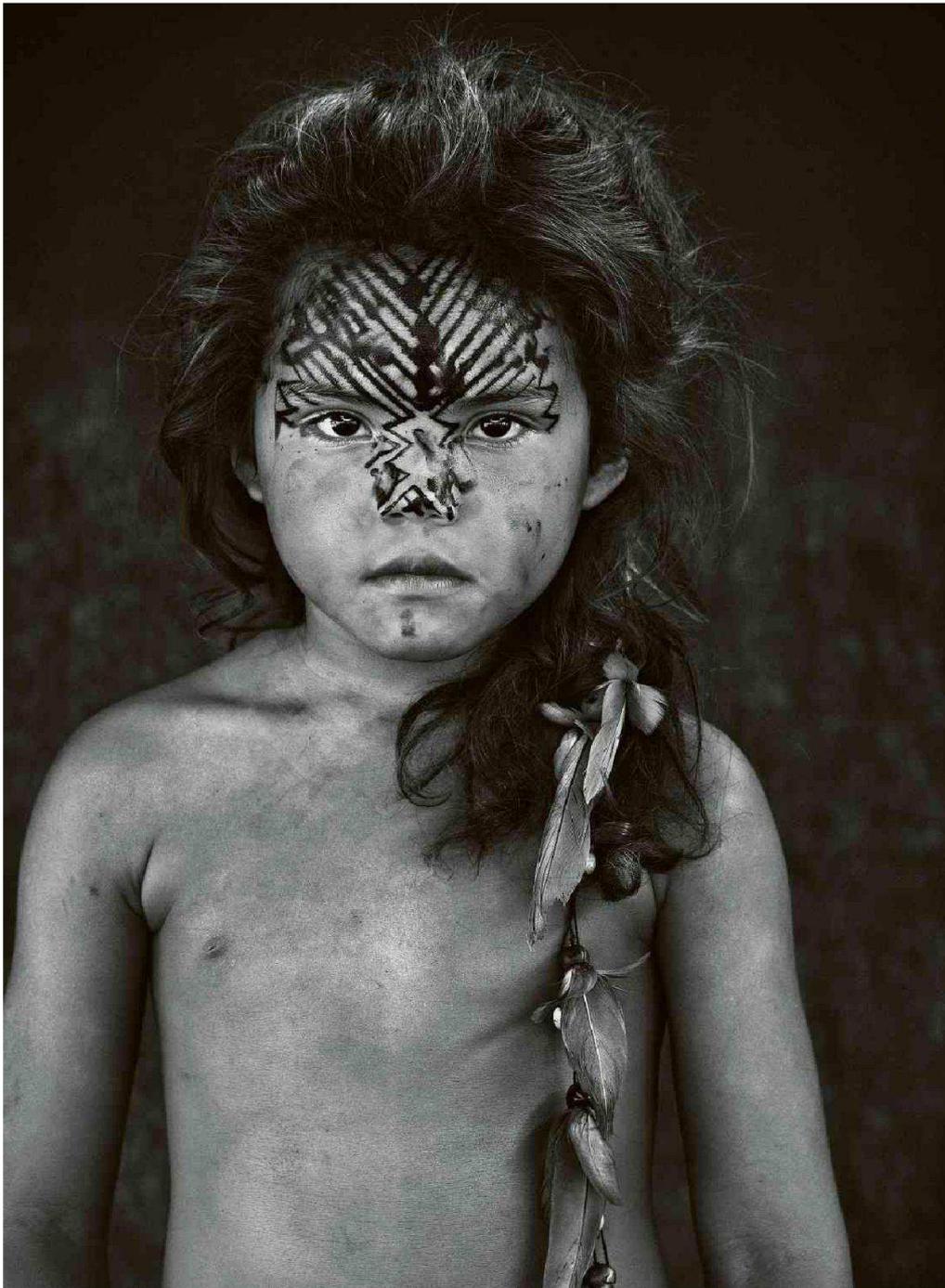
Os idiomas são parecidos, o que torna um falante de língua pano o tradutor preferencial para os contatos com vários outros: os **kashinawás** conversam com os **marubos**, que falam com os **matsés**, que se entendem com os **matís**, que compreendem os **korubos**.

Contra o processo de redução populacional sofrido a longo do século 20, os **yawanawás** incorporaram muitos indivíduos de outras etnias do grupo pano, como **araras**, **shamenawás**, **rununawás**, **yaminawás** e **katakina panos**.

Diferentemente de outros grupos linguísticos, como o tupi, que inclui etnias muito dispersas e diferentes, as do grupo pano cultivam proximidade e intercâmbio cultural. Pessoas de diferentes grupos étnicos podem conversar entre si.

O cacique Bira conta, por exemplo, que os **yawanawás** têm recebido dos grupos de índios xipibos e konibos, do Peru, muitas informações sobre tradições agrícolas e espécies vegetais que haviam sido esquecidas por seu povo durante os anos de processo de quase extinção.

Sebastião Salgado na Amazônia



Projeto de Aldeia Sagrada mistura passado e futuro

Os yawanawás da comunidade Nova Esperança acalentam o plano de criação da Aldeia Sagrada, a ser erguida no local onde viviam seus antepassados até a implantação de um seringal onde, por décadas, os índios foram obrigados a trabalhar. O projeto é uma viagem ao passado e ao futuro; a pretensão é erguer no local construções inspiradas no estilo indígena tradicional, mas com recursos da arquitetura contemporânea. O responsável é o designer paulista Marcelo Rosenbaum, que pretende criar uma espécie de Minha Casa Minha Vida rural, com adaptação das regras do projeto estatal de habitação popular para as condições específicas da floresta e uso de materiais da região.

Ao lado, com rosto pintado de jenipapo, a menina **Nauri**, filha de **Matsini**, da aldeia **Mutum**



Maria Clara, da aldeia **Mutum**



Pakayuvá, da aldeia Nova Esperança

Sebastião Salgado na Amazônia



Terra Indígena Rio Gregório

Localização Tarauacá (Acre), a 200 km da sede do município

Extensão 187,4 mil hectares

População em 2018 1.200 indivíduos (segundo líderes locais).

Há índios yawanawás também em outras áreas do Acre, na Bolívia e no Peru.

Para saber mais Enciclopédia digital "Povos Indígenas do Brasil" (pib.socioambiental.org)

Livro "História dos Índios no Brasil", de Manuela Carneiro da Cunha (org.). Companhia das Letras, 1990

Para participar da Vivência da Cultura Nativa Yawanawá, na comunidade Mutum - quatroflechaturismo@gmail.com; na Comunidade Nova Esperança - contato@yawanawa.org



O rio Gregório visto a partir do promontório onde fica a aldeia Nova Esperança



Miró, um dos especialistas em artes plumárias, prepara cocar que será usado pelos líderes durante rituais na aldeia



O cacique Biraci Yawanawá, na maloca cerimonial da futura Aldeia Sagrada, usa cocar feito com penas do gavião-real

Líderes ligam aldeia ao mundo contemporâneo

Joaquim Tashka Yawanawá é um exemplo da inserção dos yawanawás na globalização. O líder da comunidade Mutum é uma espécie de embaixador de seu povo desde que foi escolhido pelos líderes mais velhos para estudar nos Estados Unidos e adquirir conhecimento sobre o ambiente internacional.

"Nós temos que ter um novo diálogo no século 21, conversar ao mesmo tempo com o contemporâneo e o tradicional. É preciso falar a língua dos negócios do mundo atual, e o idioma não pode ser um empecilho", diz.

Neste ano, ele esteve no festival de cinema Sundance (EUA), onde apresentou o documentário "Awawena" —sobre a xamã Hushahu—, no Fórum Econômico de Davos (Suíça) e em outros eventos internacionais. "Viajo o mundo todo, mas sempre conectado com meu povo. Isso atrai pessoas, que vêm contribuir, o que ajuda os yawanawás".

Foi o empreendedorismo dos índios que os levou a criar há quase três décadas uma parceria com a empresa norte-americana de cosméticos Avreda, para quem vendem urucum (semente que produz uma tinta vermelha). Plantam açaí com financiamento agrícola do governo do Acre, para vender a clientes regionais.

Seus trabalhos com micangas são cobigados nas lojas de artesanato indígena no Brasil e no exterior.

Os índios também realizam festivais anuais nas comunidades de Nova Esperança e Mutum, quando turistas de todo o mundo vêm à Terra Indígena Rio Gregório para celebrar os rituais religiosos dos yawanawás. Nos últimos anos, passaram a promover também viagens específicas para outras comunidades. As pessoas que não querem participar dos rituais procuram outras comunidades —são sete à beira do rio—, como a Sete Estrelas, dos índios katukina-panos, onde são realizadas

atividades com plantas medicinais.

Casais que não conseguem ter filhos costumam procurar essa comunidade. Quem quer acompanhar uma caçada de dois dias na floresta vai para a aldeia Amparo, enquanto Matrinxã se tornou referência para a comida tradicional dos yawanawás.

Essa especialização das comunidades é orientada por um projeto estratégico de aproveitamento das potencialidades "econômicas, culturais e espirituais" da terra indígena que o líder chama de Plano de Vida Yawanawá, uma espécie de Plano Diretor Estratégico.

O cacique Biraci conta que está em implantação um programa de produção intensiva de alimentos da floresta. Na previsão dele, os yawanawás chegarão a 2025 com 100 mil pés de açaí, além de pés de cacau, café, cupuaçu e banana. "Selecionamos 58 espécies de plantas que queremos ter conosco, para garantir nossa alimentação", diz.

Áreas de conservação no entorno protegem a reserva dos yawanawás

A Terra Indígena Rio Gregório é habitada por índios das etnias yawanawá e katukina-pano. Na beira do rio, localizam-se sete comunidades, entre as quais Mutum e Nova Esperança, as maiores.

Identificada pela Funai em 1983, a área foi homologada e registrada como Patrimônio da União em 1991, com uma área de pouco mais de 90 mil hectares. Depois de 15 anos, os índios reivindicaram uma área adicional, que foi demarcada por iniciativa do governo estadual e declarada como parte integrante da terra indígena em 2007, dobrando a extensão original para os atuais 187 mil hectares. Uma área de 50 mil hectares es-

tá em processo de homologação para ser incorporada à terra indígena.

Segundo Biraci Yawanawá, um conjunto de áreas de conservação e de outras terras criou uma proteção para a reserva dos yawanawás: "Nossa terra é privilegiada, estamos quase totalmente cercados por diversas unidades de conservação".

Ele se refere ao quase anel formado pela Reserva Extrativista Rizoalino da Liberdade (a oeste), e às terras indígenas Praia do Carapana e do Igarapé Primavera (a leste).

A saúde também não desperta maiores preocupações: equipes de atendimento da Sesai (Secretaria de Saúde Indígena) visitam as aldeias a cada 90 dias, e os yawanawás não têm dado trabalho a eles: entre 2017 e o primeiro trimestre de 2018, por exemplo, houve só um caso comprovado de malária, e nenhum de dengue, males comuns em outras áreas da Amazônia.

Os habitantes da Terra Indígena Rio Gregório são registrados como moradores do município de Tarauacá, cuja sede fica a cerca de 200 km dali. Com isso, a cidade é sua referência para relações com o Estado nacional: 70% dos eleitores votam naquela cidade, por exemplo.

Ali também buscam tratamentos de saúde mais sofisticados, fazem documentos e recebem aposentadoria ou Bolsa Família. Mas o deslocamento é um limitador. Só pelo rio, pode-se levar oito horas em canoas com motor (voadeiras); por terra, são vários dias de caminhada. Devido a essa dificuldade, há relatos de que beneficiários do Bolsa Família desistiram do programa, e a abstenção eleitoral também costuma ser alta.

Rio Gregório era mais caudaloso e cheio de 'bichos grandes'

Embora a Terra Indígena Rio Gregório pertença ao município de Tarauacá, as milhares de pessoas que visitam o local anualmente desembarcam em Cruzeiro do Sul, cidade que tem um aeroporto maior e recebe voos de Brasília.

Como em outros destinos amazônicos, os aviões costumam chegar no início da madrugada. O viajante deve dormir pelo menos uma noite na cidade, o que, na época dos festivais yawanawás, deixa os hotéis lotados, com turistas do mundo todo.

No dia seguinte, a viagem segue por cerca de quatro horas pela rodovia BR-364, que liga Cruzeiro do Sul a Rio Branco. Na ponte sobre o rio Gregório, de um pequeno ancoradouro, saem as voadeiras com destino à reserva. A viagem leva de cinco a oito horas, dependendo do motor e das condições do rio, geralmente cheio de tocos e galhos de árvores.

O rio Gregório é um aflúente do Juruá. No passado, era caudaloso. O cacique Biraci conta que, há 50 anos, barcos de 30 toneladas subiam o rio. Seu pai dizia que um homem podia ficar de pé no porão do barco. "No rio, tinha bicho grande, tartaruga, jacaré-açu, sasuári. Hoje, todos desapareceram, o rio assoreou".

O Gregório cruza terras novas, em cujas margens não há estruturas de pedra. Em consequência, como ocorre também no Madeira, em Rondônia, as margens cedem à força das águas, que comem os barrancos e fazem o curso do rio mudar de tempos em tempos.

Em frente a comunidade Nova Esperança, o traçado do leito mudou recentemente; no último período de cheias, o rio "cortou caminho" por uma mata e, em vez de uma curva, ficou com um traçado mais reto.



Sebastião Salgado na Amazônia



Primeiras pajés mulheres resgatam banhos curativos

Dois mulheres fazem a fama dos **yanomamis** entre outros indígenas do mundo: as irmãs **Putani** e **Hushahu**. Elas são as primeiras, na história de seu povo, a se tornarem **pajés**. Tradicionalmente, só os homens eram iniciados no conhecimento profundo das tradições religiosas. No começo dos anos 2000, restavam apenas três pajés entre os yanomamis, todos já idosos: Raimundo **Tuinkuru** e os irmãos **Yawa Runi** e **Tatá Txamu Natasheni**.

Foi nessa época que as duas filhas de Tuinkuru o procuraram para dizer que queriam receber a formação de **pajé**. O pai imediatamente recusou, por uma questão de gênero. Não havia a memória de mulheres pajés entre seu povo.

Depois de um tempo, as duas voltaram a insistir na ideia. Como argumento, elas diziam que nenhum ho-

mem havia sido iniciado e que todos os conhecimentos dos xamãs poderiam ser perdidos.

Putani conta que seu pai, então, preferiu que outro **pajé** decidisse. **Tatá** foi consultado e concluiu que não havia problemas.

“Mas, para provar que mulheres poderiam resistir às agruras da iniciação, os nossos sacrifícios deveriam ser ainda maiores”, continua **Putani**. “Meu pai disse ao **Tatá**: faça com elas o dobro do que faria com homens, para que ninguém duvide de que são corajosas.”

E assim, em 2004, as duas mulheres iniciaram a formação, que começa com um longo jejum. Por vários dias a pessoa só se alimenta com a batata de uma planta chamada **mucaá**, considerada sagrada.

Quem está fazendo a iniciação para se tornar **pajé** fica acampado na



Janete, da aldeia Escondido, que usa pulseira com desenhos geométricos feitos com miçangas e segura jijus pescados no rio

floresta, longe da comunidade. Só pode ter a companhia de quem está preparando sua dieta.

Putani e Hushahu escolheram isolar-se no local onde seus antepassados viviam no tempo do contato com os primeiros seringueiros. É o lugar denominado Aldeia Sagrada. "Neste lugar está enterrado meu avô. Ele disse que, se a gente precisasse de sua ajuda, bastaria pedir", conta. Passados quase 15 anos daquela iniciação, o lugar agora está sendo preparado para receber uma nova comunidade. Os yawanawás vão voltar a ocupar o lugar de onde saíram no passado. À época, o local era uma área isolada na floresta.

"Nosso processo de conhecimento e cura é baseado em sonhos. Você sonha com as doenças que vai ter; o pajé sonha com as doenças que terá de curar nos outros. Por isso vo-

Para provar que índias podem receber iniciação xamânica, os sacrifícios exigidos delas foram ainda maiores. O pai das moças disse ao outro líder religioso: 'Faça com elas o dobro do que faria com homens, para que ninguém duvide de que são corajosas'

cé precisa ficar isolado, ouvindo o silêncio. Não pode ouvir zoada. A ideia é que você ouça os passos das pessoas, o tom de sua voz. Tudo isso é revelador de como está a saúde delas, desde que você saiba ouvir os detalhes", explica Raimunda Putani, seu nome completo.

A dieta evita carnes de animais associados a características consideradas inadequadas para um líder espiritual. "Anta é um bicho pesado. Por isso, quem está no mucá não pode comer sua carne, ela deixa a pessoa pesada. Já o macaco capelão é um bicho que canta, fará bem ao pajé. O jabuti, normalmente muito desejado, anda muito devagar; e sua carne deixa os pensamentos lentos. Já peixes e aves são rápidos", explica Putani. Assim os alimentos são divididos entre os que podem ou não ser consumidos durante os vários

meses de formação.

Uma vez iniciada, Putani queria escolher um caminho próprio para desenvolver, uma técnica sua. Ela se lembrou da organização Conselho Internacional das Treze Avós Nativas, formada em torno de mulheres que são referência em culturas tradicionais. Pensou em consultá-las. "Vi um documentário sobre as Treze Avós, mas elas estavam no Canadá, e eu não poderia ir ao seu encontro. Um dia tive uma visão que me aconselhou a construir um trabalho próprio. Escolhi então duas técnicas antigas dos yawanawás que não estavam mais sendo usadas: o banho de argila e o banho de ervas. 'Faz essa cura e leva para a Aldeia Sagrada', me disse a visão. Por isso estamos voltando para cá."

Desde então, ela diz fazer rituais usando essas técnicas: "É a cultura



Etnia adota casamento entre primos cruzados

O sistema de parentesco adotado pelos yawanawás é chamado dravidiano, com casamentos entre primos cruzados: a pessoa se casa com os filhos da irmã do pai ou do irmão da mãe. Há casos de poligamia, cada vez mais raros, geralmente com um marido e uma ou mais irmãs (chamado sororato). O hábito determina que, após o casamento, o marido se mude para perto da casa da família da mulher (costume chamado de uxorilocalidade).

Bebês ganham nome escolhido pelo pai

Ao nascer, os bebês recebem um nome dado pelo pai e, às vezes, um outro, escolhido pela mãe. Ambos buscam repetir nomes de tios e tias da criança em homenagem aos parentes, por vezes já mortos. Assim, os nomes se repetem alternadamente a cada duas gerações.

Hoje, os índios são registrados com um nome em português e, geralmente, os documentos oficiais incluem também o nome da etnia como se fosse o sobrenome.

Mito yawanawá explica a interdição do incesto

Os mitos servem para traduzir as grandes coisas — como a criação do mundo — e também as pequenas. O cacique Bira conta um cheio de moralidade para explicar que dois irmãos jamais podem namorar. "Um dia, uma menina reclamou à mãe que todas as noites alguém ia a sua cama no escuro para bulir e brincar com ela. A mãe recomendou à filha fazer uma tintura de jenipapo e passar no rosto todo para marcar o buliçoso. Então, no dia seguinte, o irmão da menina desapareceu. Quando o encontraram, ele estava pintado de jenipapo. Foi condenado à morte e teve a cabeça cortada. A cabeça rolou e correu em direção à mãe. Ali, no chão, a cabeça do índio pediu água. A mãe disse que não poderia ajudá-lo. O índio jurou então uma vingança: iria morar na Lua e, a partir daquele dia, a primeira relação de toda menina deveria ser com ele. As mulheres sangrariam sempre após essa primeira relação. Esse seria o sinal de que elas podiam namorar a partir daquele momento."

Quem flerta com mulher grávida recebe castigo

Um rapaz aparece na casa do cacique Biraci reclamando de um terçol. Bira pergunta a ele: "O que você andou fazendo?". Em seguida se volta aos demais e explica: "Quando um homem paquera uma mulher grávida, fica com terçol".

tradicional que vivemos. Porque, se você vive como seus ancestrais, a cultura nunca acaba", diz.

Putani tinha 27 anos quando completou a formação de pajé, em 2005. Em 2006, ganhou o Prêmio Bertha Luz, concedido pelo Senado a mulheres que se destacam na luta por direitos femininos.

A história de sua irmã, Kátia Hushahu, é contada no documentário imersivo "Awawena", produzido em realidade virtual pela diretora australiana Lynette Wallworth. O filme estreou neste ano no festival Sundance e foi apresentado também no Fórum Econômico de Davos.

Os pajés preencheram realmente o vazio que temiam: seu pai morreu em 2010, com 80 anos; Tatá morreu em dezembro de 2016, com 104 anos, e também pajé Yawa Runi morreu em março deste ano, aos 106.

Sebastião Salgado na Amazônia

Árvore gigantesca é a sagrada ligação entre o céu e o chão

Por atingir até 70 metros de altura, a sumaúma (*Ceiba pentandra*) é, para os índios, a ligação entre chão e céu. E casa dos animais mais poderosos de cada plano: da sucuri, grande serpente do chão, que se esconde sob suas raízes; da onça, que dorme entre raízes e galhos mais baixos; do gavião-real, que habita sua copa. A árvore também sequestra pessoas. Na história dos índios, pai e filho dormiram perto de uma sumaúma. Quando o pai acordou, o filho tinha sido levado para o alto e ele ouviu sua voz: "Pai, pode ir embora, porque não há como subir ou descer daqui". Devido à essa sacralidade, a sumaúma não pode ser usada em rituais.



Keyá (esq.), da aldeia Mutum, e Miró retiram secreção da rá-kambó, que é usada como remédio



Keyá aplica a chamada 'vacina' do sapo em Marcílio

Festa e ayahuasca atraem turistas de todo o mundo

"Você já tomou a medicina?" A pergunta é repetida pelo jovem yawanawá, enquanto distribui a bebida entre dezenas de pessoas que participam de um ritual de ayahuasca.

Diante da mesa lotada de jaras com a infusão e copinhos para pequenas doses, o rapaz, com um coar de penas de gavião-real, se posiciona como um padre diante do altar.

O público se senta em bancos que formam um círculo em torno de um grande espaço aberto onde há uma fogueira no meio, o terreiro. Nesse templo, a nave é um vasto céu de anil, em uma noite em que a lua cheia ilumina a aldeia Nova Esperança.

A todos os que respondem "não", o jovem diz: "Fique sempre tranquilo", e em seguida entrega um pequeno copo parcialmente cheio.

Chamada "uni" pelos yawanawás e "Daimé" em cultos religiosos não indígenas, a poção ritual que das matas do Acre se espalhou pelo planeta pode provocar poderosos enjoos. Por isso, recomenda-se que neófitos provejam com cautela e não tenham

medo da viagem. "Tudo que vem passa", explica o líder Bira.

Muitos grupos reivindicam a paternidade da bebida, feita da mistura do cipó *mariiri* (ou *caapi*) com as folhas da planta chacrona. Ela é consumida por ao menos 72 grupos indígenas da Amazônia, mas não erra quem apontar os yawanawás como seus usuários tradicionais de maior visibilidade mundial.

Estudos revelaram a presença de ayahuasca em panelas encontradas em sítios arqueológicos de 5.000 anos. O nome revela seu uso por habitantes do antigo império inca, já que se trata de uma palavra quechua, alíngua dos incas: "aya" significa espírito e "huasca" quer dizer cipó.

Os yawanawás recebem anualmente milhares de turistas para festivais que celebram sua cultura e seus rituais, com ingressos entre US\$ 2.000 e US\$ 5.000, dependendo do tempo de estadia. Quando promovem festas, os hotéis de Cruzeiro do Sul ficam lotados, como os voos que ligam seu aeroporto aos grandes

hubs internacionais do país.

Nesses festivais, pode-se encontrar gente de todos os cantos do planeta nos galpões construídos pelos índios para abrigar até 700 pessoas.

Cantoria, incenso e fogo amplificam efeito inebriante da bebida

A cerimônia começa depois do jantar, em que se recomenda uma refeição leve. Por volta de 21h, as pessoas já estão sentadas no círculo em torno da fogueira. Quando o jovem de coar se coloca à frente da mesa, logo se forma diante dele uma fila de cerca de 30 pessoas. Há mais índios do que convidados naquele encontro fora de temporada, no centro da aldeia Nova Esperança.

O primeiro efeito da ayahuasca é um certo enjoio. Algumas pessoas descrevem fortes ânsias de vômito logo após beber o "remédio". Em

seguida, é descrita uma sensação de alívio, em que a alma é tomada por visões. É a "miração", termo do português popular que acabou consagrado pelos rituais religiosos associados ao Daimé.

Tecnicamente, é uma alucinação, estado alterado da mente. A droga atua em centros ligados à visão. Durante essas visões, alguns dizem encontrar ancestrais, outros, que antecipam cenas de seu futuro. Há quem faça previsão de doenças e quem relate entender um conflito no futuro. Cada um tem sua própria miração.

A alteração da percepção fascina muitos e assusta outros. Não poucos sentem medo. É preciso ter calma para resistir às horas de "viagem", que às vezes viram "bad trips".

Logo depois que toda a fila toma a "medicina" começam os cantos, longos e repetitivos. Forma-se uma roda de dança no meio do espaço em que se desenvolve o ritual, do tamanho de uma quadra de vôlei.

As músicas, em ritmo repetitivo, funcionam como mantras. A harmonia, com apenas dois acordes, lembra a de outros hinos religiosos. O coro canta sempre em uníssono, reforçando a simplicidade.

A cantoria, a fogueira e o cheiro de incenso — que acendem em grandes tachos para expulsar os maus espíritos —, somados ao efeito da ayahuasca, resultam em um ambiente inebriante. É difícil avaliar o que provoca o estado alterado de consciência, tantos são os estímulos.

Depois de alguns minutos de cânticos, o jovem coordenador dos trabalhos se encaminha de volta à mesinha e serve nova rodada de ayahuasca. A adesão é quase total entre

quem havia tomado uma primeira dose. Na terceira rodada, nem todos repetem. A adesão vai diminuindo. Depois das 23h ninguém mais busca a bebida e a mesinha é recolhida.

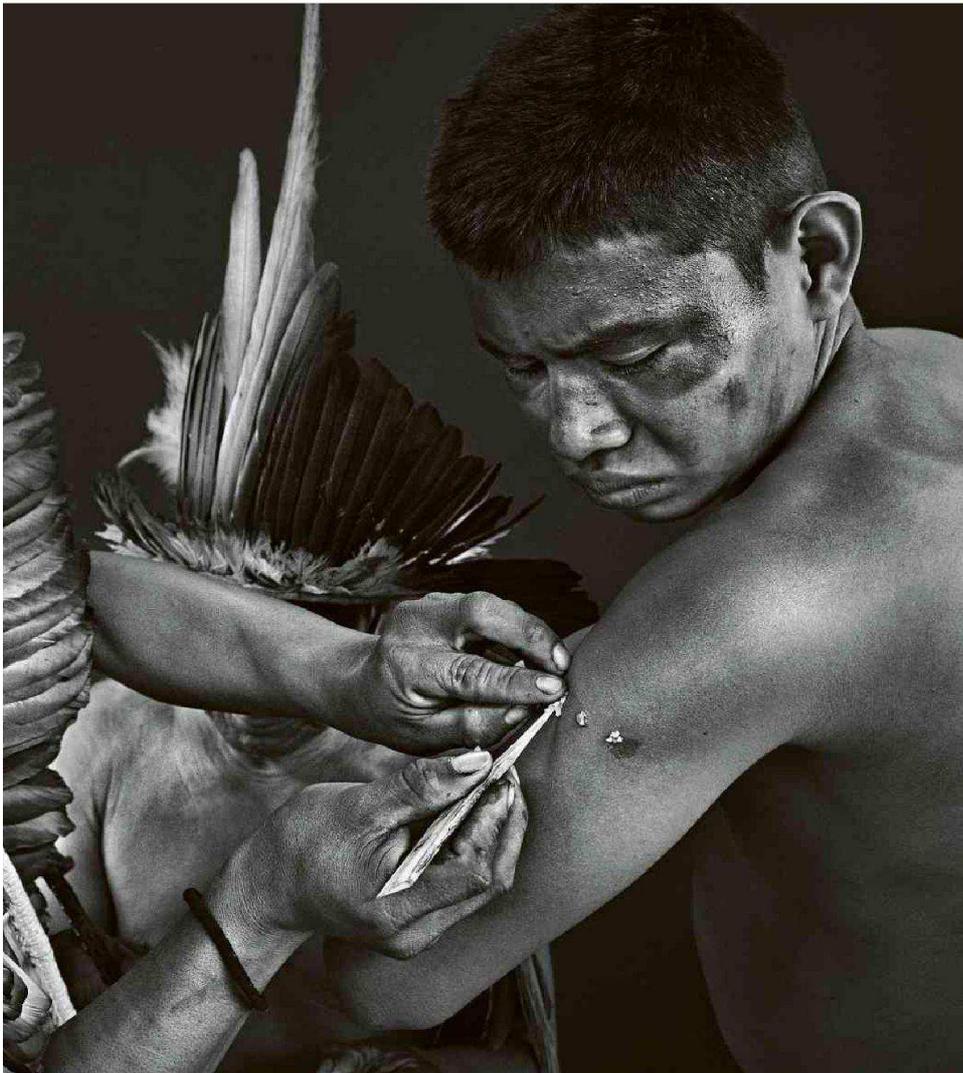
O efeito, no entanto, persiste. Muitas pessoas recebem passes do xamá (à época, fevereiro deste ano, Yawa Runi estava vivo), outras inalam rapé, e assim a comemoração vai até as 5h do dia seguinte.

Enquanto algumas pessoas dançam no centro do terreiro, o pajé cuida de outras, que se mantêm sentadas. Ele pergunta se há algo que as preocupa, um mal-estar, uma tristeza. Em seguida, faz orações e sopra sobre a pessoa a fumaça vinda da queima do incenso de breu branco, ou almecegueira, árvore aromática curativa. Os sopros são acompanhados de um som que se parece com "tsáá". O religioso percorre as costas, os ombros e a cabeça da pessoa. Ao terminar, passa ao próximo da fila, numa seqüência demorada.

Entre os yawanawás, o consumo da ayahuasca é com frequência acompanhado da inalação de rapé. O pó cinza à base de tabaco é soprado pelo xamá para dentro do nariz da pessoa, que o recebe por meio de um instrumento em forma de "v", de taquara, com cerca de 40 centímetros.

O pajé tem em sua mão um pequeno recipiente com rapé. Ele coloca um pouco do pó em uma ponta do canudo e direciona a outra para uma das narinas da pessoa; respira fundo e de repente dá um sopro muito forte. O que recebe o pó leva as mãos à narina, enquanto mantém os olhos cerrados.

O rapé irrita a mucosa do fundo



Floresta é farmácia para tudo

A futura Aldeia Sagrada, que deverá ser erguida no local onde aconteceu o primeiro contato entre **yawanawás** e seringueiros, é uma homenagem aos ancestrais ali enterrados e à floresta.

Além das moradias, está prevista a implantação de uma estrutura para cursos de cultura **yawanawá**. A construção vai seguir o estilo das malocas indígenas tradicionais, que eram compartilhadas por diversas famílias. "Nessas casas, todo mundo vive e come junto. Marido não bate em mulher, os filhos não passam fome", diz o cacique Bira.

Em volta da futura aldeia, uma área de floresta com cerca de dez hectares foi usada para o cultivo de ervas medicinais usadas pela comunidade em ritos religiosos e de cura.

Bira conduziu a reportagem a um passeio em que vai explicando os supostos poderes de cada uma daquelas espécies: "Você vê aquela planta com umas folhas grandes, que parecem uma bunda? Sabe quando você tem uma filha jovem, recém-casada, que não quer ficar em casa, que quando o marido sai para trabalhar ela também quer logo sair, ir ao vizinho e coisa e tal? Você pega uma folha grande daquelas, esquenta e faz ela sentar em cima. Logo ela acalma e fica mais caseira. O mesmo vale para o marido".

A medida que caminha, o líder aponta a vegetação e ensina: "Aqui não é bom que as mulheres caminhem, está cheio de plantas cujo cheiro faz com que elas queiram namorar. Então, uma mulher que sintesse esse cheiro, não importa se é casada ou não, ela vai querer transar com uma pessoa".

Uma outra erva medicinal ajuda a mulher a engravidar: "Um advogado amigo nosso, do Rio de Janeiro, estava casado havia 12 anos. Eles queriam ter filhos, mas não conseguiam. Ele veio aqui e pediu para tomar o nosso remédio. Agora acabou de nascer o filho deles".

Tem remédio para tudo, segundo Bira: ervas para bebês que choram muito, Viagra natural e planta que causa o efeito contrário, outra que faz bem para epilepsia.

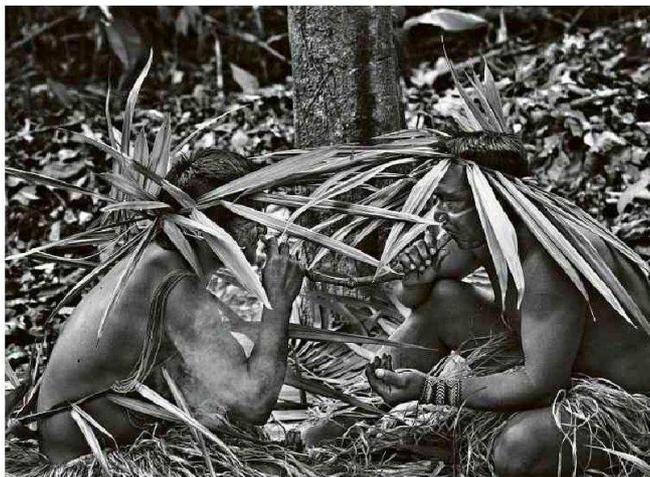
"Agora, você vê a responsabilidade de quem lida com esses poderes: se uma pessoa ambiciosa tem acesso a isso, o que será que ela pode querer fazer? É preciso guardar com rigor as coisas, e só dar acesso restrito a elas, para que só pessoas responsáveis e preparadas possam conhecer e usar", afirma.

Os antigos **yawanawás** eram polígamos, uma prática que vem reduzindo, porque os casamentos com várias mulheres atribuem ao marido a multiplicação das obrigações; é preciso ter condições de sustentar a casa, os filhos e a mulher; se quiser ter duas mulheres, deve dar igual a ambas. E assim sucessivamente.

Bira conta um chiste didático, a história de um **paiké** mais velho, com várias mulheres. Quando alguém dizia que uma de suas mulheres estava flertando com outro homem, ele respondia: "Que bom, tem alguém me ajudando a cuidar da casa". Se a pessoa insinuava que a mulher poderia engravidar, ele dizia: "Mas o filho será meu também". Para um líder tribal, quanto mais filhos, maior é poder de influência e a acumulação de riquezas.

A riqueza das florestas traz também benefícios indiretos. Um deles é o de atrair peixes quando o rio sobe no inverno amazônico. Nesse momento, as águas ultrapassam as margens, chegam ao chão da floresta e "puxam" as frutas caídas, chamando os peixes.

Os **yawanawás** têm uma explicação para isso. "Quando chega a hora da água subir, o espírito de um peixe vai até as frutas, come algumas e derruba outras. Nesse momento, ele sinaliza para o rio que chegou a hora da água subir".



Filipe (dir.) sopra rapé em Zezinho, na aldeia Matrinxã

das fossas nasais e ali é parcialmente absorvido; outro tanto desce para a boca, provocando um gosto amargo e o espessamento da saliva. O cuspe ganha uma cor acinzentada.

O **rapé** é a mistura de tabaco seco com cinzas da casca de "txutu" (pau-pereira). Tudo é peneirado e pilado, resultando em um pó leve.

"A maior parte de nossa formação espiritual depende dos sonhos, por isso nós precisamos sonhar. O rapé abre o sonho, nos faz sonhar e lembrar", explica o líder Biraçá.

O efeito é um despertar, espécie de compensação para o torpor que a viagem da **ayahuasca** provoca. É como se a mente ganhasse clareza, e o corpo, energia extra para interagir.

Outra medicina pela qual os **yawanawás** são conhecidos é a "vacina do sapo" contra doenças físicas ou espirituais, como dizem. Na verdade é usada uma rã voadora, chamada "lambó" (*Phyllomedusa bicolor*).

É feita uma leve incisão na pele; no braço ou na perna, com a ponta de uma vareta levada ao fogo. Em seguida, se inocula no local a secreção da pele da rã.

O veneno tem composição complexa, com alguns elementos semelhantes aos de um derivado do ópio, que reduz a dor, e outros que dão taquicardia. A pessoa também vomita e tem forte sensação de calor.

Tradicionalmente, a vacina do sapo era usada para melhorar a performance do índio na caça. "O sapo traz sorte, alegria, deixa a pessoa mais atenta", explica Bira. Usa-se também o veneno em caso de doenças, para purificação. "A pessoa vomita, põe todos os problemas para fora", diz o líder **yawanawá**.

Daime não vicia e ajuda a tratar dependência química, diz médico

A **ayahuasca** é um alucinógeno que não causa dependência, segundo Dartiu Xavier, 63, chefe do serviço de dependência química da Unifesp. O psiquiatra, que foi consultor do Ministério da Saúde e da Justiça, integrou a comissão que discutiu a liberação da droga para cultos, entre o fim dos anos 1990 e início dos 2000.

O grupo, que reunia técnicos e religiosos, concluiu que "o uso ritualístico, com fundamentação religiosa, não pode ser proibido", como explica Xavier. "A comissão ajudou a sedimentar o conceito que em seguida foi adotado também nos EUA, quando a **ayahuasca** chegou lá", diz.

Para o especialista e pesquisador, a **ayahuasca** é um alucinógeno, do ponto de vista científico. "As pessoas têm usado a palavra 'enteógeno', mas ela só serve para tentar evitar o estigma associado à palavra 'alucinógeno'". Entógeno é a tradução de um neologismo em inglês, derivado do grego, que remete à capacidade de induzir a pessoa à visão de deus.

Para Xavier, o daime tem efeito semelhante ao da mescalina e do LSD. A mescalina, consumida nos EUA em ritos da Igreja Nativa Americana, é permitida nesse contexto: "Esse uso da mescalina é muito parecido com o da **ayahuasca** nos ritos do Daime".

O departamento chefiado por Xavier na Unifesp foi, em parceria com a Universidade da Califórnia, o primeiro laboratório a estudar a **ayahuasca**. Chamou a atenção do professor e de seu departamento o fato de dependentes graves, como alcoólatras, relatarem o abandono do vício após a adoção de um rito religioso ligado ao daime.

Além de não causar dependência, o chá contribui, em muitos casos, para tratar a compulsão — "miraculosamente", diz. "Não conseguimos concluir se isso se deve só ao efeito químico ou se é o rito, o fato de pertencer a uma comunidade acolhedora".

Sebastião Salgado na Amazônia

Adereço de cabeça
feito com penas
de gavião-real

Artesanato com miçanga importada faz sucesso

O artesanato dos índios **yawanawás** é marcado pela perfeição de seu acabamento. O fotógrafo Sebastião Salgado, que já visitou dezenas de culturas tribais em todos os cantos do planeta, destaca a beleza de sua arte plumária. Também os trabalhos com miçanga são referência entre os povos indígenas e têm destaque em lojas de grandes cidades brasileiras. As pequenas contas são muito usadas em peças de iluminação.

Outro elemento marcante, sempre explorado em artigos relacionados à moda e ao turismo, é a pintura corporal. Os índios produzem desenhos na pele usando **urucum** (vermelho) e **jenipapo** (preto); depois recobrem as pinturas com uma resina que as mantém por mais tempo do que durariam apenas com a tinta natural.

Assim como a língua e a memória dos mitos e rituais, essas técnicas foram recuperadas ao longo das últimas décadas. Elas estavam restritas às pessoas mais velhas, que passaram a transmitir às novas gerações esses saberes tradicionais. Hoje, os cocares têm uso ritual e não fazem parte da vestimenta diária dos índios. Exatamente por isso são muito bem conservados.

Muitos adereços plumários dos líderes são feitos com penas de gavião-real, ave de rapina que, segundo a mitologia, deu origem a todos os índios de língua pano. Por isso as coroas de penas têm predominantemente as cores branca e cinza.

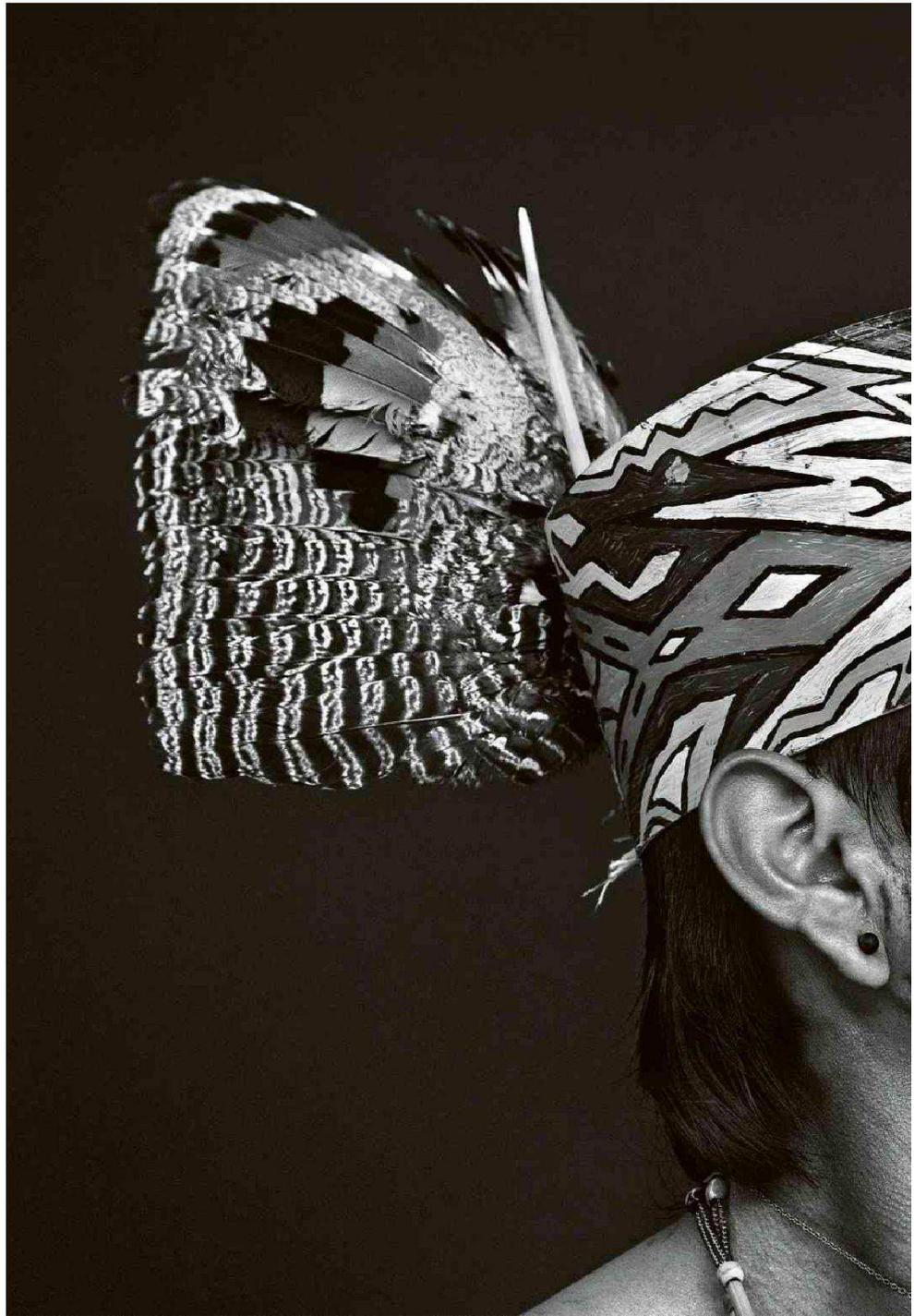
Já as pulseiras e os colares de **miçangas** são multicoloridos. Embora pareçam abstratos aos olhos de não índios, os desenhos geométricos representam animais.

Há muito tempo as miçangas industrializadas substituíram as sementes e os dentes de animais que eram usados como matéria-prima. Elas são importadas da República Tcheca, onde a produção das contas de vidro está concentrada na pequena cidade de Jablonec.

O líder **Biraci Nixiwaká** visitou Jablonec no ano passado para conhecer melhor o produtor de algo que se arraigou profundamente na cultura dos **yawanawás** e de outras etnias brasileiras: "Fiquei admirado. Eles me disseram que os povos indígenas respondem por 70% das vendas". No Brasil, até mesmo grupos de pouco contato com não índios usam miçangas importadas.

Os **yawanawás** consomem muitos quilos de contas de vidro por ano. Em 2016, o consumo foi de uma tonelada, para atender à demanda de uma parceria com uma loja de decoração de São Paulo.

Falando da mudança das matérias-primas tradicionais para as contas industrializadas, Biraci ri e diz: "É um sinal dos tempos: as coisas estão aqui, ao nosso alcance. A gente não pode recusar a modernidade".



Aos 80 anos, pianista João Donato tocou na aldeia com coral local

Nascido em Rio Branco, o pianista João Donato decidiu ir a seu estado natal em 2013, pouco antes de fazer 80 anos, e visitou a aldeia Nova Esperança. O episódio está na memória da tribo. Com um teclado, ele acompanhou um coral de crianças que cantavam histórias dos **yawanawás**. Em seguida, tocou composições suas. No ano seguinte, em agosto, convidou o músico Shaneihi Yawanawá para tocar no Rio de Janeiro, no show de comemoração de seu 80º aniversário.

Projeto 'Amazônia' documenta a floresta e seus habitantes tradicionais

A expedição do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado às terras dos **yawanawás**, no Acre, faz parte de um grande projeto de documentação da floresta amazônica e de seus habitantes tradicionais.

O resultado desse trabalho — "Amazônia" — deverá ser apresentado em livro e exposições no Brasil e no exterior a partir de 2021.

A Folha acompanha algumas dessas expedições desde o ano passado. Antes da atual edição, dedicada à comunidade dos **yawanawás**, foram publicados cadernos especiais sobre os índios **korubos** (17.dez.2017), os **ashaninkas** (20.mai.2018) e os **su-**

ruwahás (2.set.2018).

Mineiro de Aimorés, 74 anos, o fotógrafo é conhecido no mundo por seus trabalhos de documentação construídos ao longo de anos, como "Trabalhadores", "Exodos" e "Gênesis", entre outros.

Economista de formação radicado na França durante a ditadura militar, Salgado começou a carreira nos anos 1970. Trabalhou em algumas grandes agências de imagens, como a prestigiosa Magnum, que foi fundada em 1947 por Robert Capa e Henri Cartier-Bresson. Desde os anos 1990, ele mantém sua própria agência, a Amazonas Images, que

tem sede em Paris.

Reconhecido como um dos principais talentos da fotografia internacional, o brasileiro acumula prêmios no currículo desde a década de 1980 e tem obras suas em coleções e museus de todo o mundo.

Desde dezembro de 2017, Salgado ocupa uma cadeira na Academia Francesa de Belas Artes, maior reconhecimento do governo e da comunidade artística francesa a um criador que atue no país. É o primeiro brasileiro a ocupar essa posição no Institut de France, que reúne as cinco grandes academias francesas. **Leão Serva**